

FÉLIX GUATTARI E OS RELEVOS DA REALIDADE

Nelson Coelho Júnior

– Surpreendente!

– Mas o que você esperava?

– Ah, mais um militante descabelado, barricadas de maio de 1968, algo clandestino, conferências exageradamente polêmicas e um certo aroma de confronto ultrapassado.

– E o que foi que você viu?

– Alguém com uma serenidade ativa, olhar inquietantemente tranqüilo e uma fala envolvente pelo conhecimento e não pela militância; ou melhor, por uma militância que se transformou em conhecimento, sem perder sua ação.

O tema era Psicanálise e Subjetividade, o local São Paulo, o ano 1991. Fui encarregado das primeiras perguntas. Questões sobre o conflito, se ele é ou não estruturante no ser humano e se é possível descartar completamente o pensamento dialético. Não sei até que ponto essas eram de fato questões importantes naquele momento. Mas eu as fiz. Alguém tinha que quebrar o gelo, romper o incômodo. Ele, muito tranqüilo, respondendo com habilidade, conhecimento e acima de tudo com a força de um pensamento que trazia muitas marcas próprias. Ali, nessas respostas, a psicanálise já não tinha muita importância. E talvez nem a subjetividade. Acrescentava, aos planos circunscritos de uma certa teoria sobre o psíquico, diferentes planos de existência. Aberturas, passagens, 'agenciamentos'.

E aqui eu pulo do personagem-Guattari para as idéias-Guattari, tentando fugir um pouco das inevitáveis canonizações de textos-homenagem. Tenho que confessar que as idéias-Guattari só me interessaram a partir do contato com o personagem-Guattari, já que seus textos parecem ser propositalmente anti-sedutores. Mas acho que Guattari não se queria como autor póstumo. Buscava gerar movimentos que pudessem gerar novos movimentos. As idéias são principais; os textos são secundários.

A realidade e seus territórios

Guattari insiste numa marca profunda do ser humano contemporâneo: sua desterritorialização. "A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado." (*Caosmose*, p. 169)

Mas Guattari sempre afasta qualquer pessimismo ingênuo, reintroduzindo a cada fala, publicada ou simplesmente ouvida, a certeza de que sempre é possível reverter movimentos aniquilantes em movimentos vitais:

“Re-singularizar as finalidades da atividade humana, fazê-la reconquistar o nomadismo existencial tão intenso quanto o dos índios da América pré-colombiana! Destacar-se então de um falso nomadismo que na realidade nos deixa no mesmo lugar, no vazio de uma modernidade exangue, para ceder às verdadeiras errâncias do desejo, às quais as desterritorializações técnico-científicas, urbanas, estéticas, maquínicas de todas as formas, nos incitam.” (*Caosmose*, p. 170)

E é inegável que as idéias de Guattari introduzem desejo no lugar em que antes havia uma certa conformidade respeitosa por uma realidade que cada vez mais determina ‘aplainamentos’ de diferenças e supostas impossibilidades de desejo. Talvez aqui esteja a grande força do pensamento-ação de Guattari: gerar movimentos que criam relevos na realidade, ou melhor, que criam uma realidade com relevos, com altos e baixos, verdadeiros territórios de criatividade social, muito distantes da plana e amorfa realidade imposta em uma sociedade que se viu no sossego do não desejar.

Explorando um pouco mais essa minha metáfora (e será que é só uma metáfora?) da realidade com relevos, eu penso na circulação dos fluxos, impossível em uma realidade ‘aplainada’. A economia dos fluxos é o próprio movimento do desejo, para Guattari. Um desejo que não é propriedade nem de um sujeito, nem de um objeto. Desejo que é fluxo incessante, e por isso mesmo, aquém e além das imaginárias fronteiras de uma realidade ‘aplainada’, habitada regularmente por objetos e sujeitos. Desejo que cria os relevos da realidade, mas que simultaneamente é criado por esses relevos. Há aqui o movimento da mútua-constituição, da simultaneidade do engendramento criativo, tão bem descrita por Merleau-Ponty em sua ‘Ontologia do ser bruto’ apresentada em *O visível e o invisível*. Merleau-Ponty afirma que somos feitos do mesmo estofado que o mundo, somos *carne* (*chair*): “Em vez de rivalizar com a espessura do mundo, a de meu corpo é, ao contrário, o único meio que possuo para chegar ao âmago das coisas fazendo-me mundo e fazendo-as ‘carne’”. (*Le visible et l’invisible*, p. 178)

Sem exagerar nos parentescos, nunca pude deixar de reconhecer afinidades entre o pensamento de Merleau-Ponty e o de Guattari. E quando perguntei a Guattari o que tinha a dizer sobre essa afinidade, ouvi como resposta: “Eu assistia às aulas de Merleau-Ponty no Collège de France e sempre tinha certeza que ele ficava olhando para mim. Mas um dia, no começo de uma aula, Merleau-Ponty avisou: sempre escolho, ao acaso, alguém para ficar olhando enquanto falo”.